



ESTUDO

Empresários já assimilaram geringonça e estão mais optimistas

Segundo o índice do Fórum Económico Mundial, em 2017 Portugal está mais competitivo quando comparado com outros países, mas também em termos absolutos. Os empresários têm uma visão mais positiva do que em 2016.

PERCEÇÃO DA COMPETITIVIDADE RECUPERA PARA NÍVEIS DE 2006

posição interna (pontuação entre 1 e 7, sendo 7 o valor máximo)

De zero a sete, Portugal merece nota 4,57 em matéria de competitividade, segundo o inquérito do Fórum Económico Mundial. É a melhor posição desde 2006.



Fonte: Global Competitiveness Index e Negócios

PORTUGAL RECUPERA QUATRO POSIÇÕES EM TERMOS INTERNACIONAIS

Posição internacional (lugar entre 137 países, quando mais baixo, melhor)

O maior optimismo dos empresários nacionais contribuiu para a melhoria da posição internacional portuguesa, que passa de 46.º para 42.º.



Fonte: Global Competitiveness Index e Negócios

ELISABETE MIRANDA

elisabetemiranda@negocios.pt

Em 2017 a avaliação dos empresários sobre a competitividade da economia nacional recuperou da quebra registada em 2016, quando o PS chegou ao poder com o apoio da geringonça, e encontra-se agora aos níveis de 2006 (o melhor ano desde que esta série existe). Esta melhoria na percepção das empresas acabou por influenciar a posição que o País ocupa no ranking internacional do Fórum Económico Mundial, sendo agora Portugal a 42.ª economia mais competitiva.

O Índice de Competitividade Global do Fórum Económico Mundial, que em Portugal é coordenado pelo FAE (Fórum de Administradores e Gestores de Empresas), a Proforum (Associação para o Desenvolvimento da Engenharia) e a AESE Business School, foi apresentado esta quarta-feira e produz dois tipos de indicadores. Por um lado, produz

anualmente uma pontuação sobre a situação competitiva da economia nacional. Esta pontuação varia entre zero e sete, tendo este ano atingido os 4,57 pontos, um valor que recupera da quebra que tinha sido registada no ano passado, e que não encontra paralelo desde 2006.

Resultando sobretudo das percepções de quem está à frente das empresas, a recuperação deste indicador mostrará que “o efeito da geringonça está assimilado” notou José Ramalho Fontes, presidente da AESE, durante um encontro com jornalistas.

A melhoria acabou por contribuir para uma recuperação da posição nacional no Índice de Competitividade Global elaborado pelo Fórum Económico Mundial, onde este ano Portugal galgou quatro lugares, para a 42.ª posição, ultrapassando a Itália, Maurícias, Panamá e Kuwait. Ainda assim, Portugal está longe de recuperar para a sua melhor posição de sempre neste ranking (em 2014 alcançou o 36.º lugar) cuja liderança é encabeçada pela Suíça, EUA, Singapura, Holanda e Alemanha.

A dívida pública, que ronda os 130% do PIB é o indicador que mais

negativamente pesa na competitividade internacional (coloca Portugal na 133.ª posição), seguida da saúde dos bancos (129.ª posição entre 137), da eficácia do sistema de resolução de litígios (121.ª posição), da carga fiscal sobre o trabalho (120.º lugar), e da regulação do mercado de capitais (113.ª posição). Destes indicadores, só o primeiro resulta de uma evidência estatística, dependendo os demais da percepção dos empresários.

Pela positiva, Portugal está numa posição privilegiada face à maioria em áreas como a inflação e a ausência de barreiras alfandegárias (resultante da sua pertença ao Euro) mas também na qualidade das estradas e das infra-estruturas em geral, nos baixos níveis de criminalidade ou no tempo para iniciar um negócio.

75% estado de espírito, 25% estatísticas

O ranking de competitividade do Fórum Económico Mundial avalia todos os anos 118 indicadores, desde as infra-estruturas, a qualidade das instituições, o ambiente macro-económico, o sector financeiro, passando pelos impostos, até às leis e regulamentos de cada país. A pontuação

tem como ponto de partida um inquérito de opinião conduzido em simultâneo em cada um dos 137 países (que pesa 75% do total) e em estatísticas internas (que pesam 25%), pelo que deveser lido sobretudo como um índice de percepção da competitividade dos empresários de cada país, sobre o seu próprio país.

Ilídio de Ayala Seródio, presidente da Proforum, reconhece que factores como o famoso pessimismo luso pode prejudicar a posição nacional no ranking – “os países nórdicos e a Alemanha são muito mais positivos do que os do sul, ao passo que nós, setemos a empresa na hora, achamos que ela devia ser ao minuto. É uma questão cultural que influencia os resultados”. Ainda assim, sublinhou o responsável, tem sido feito um esforço de pedagogia junto das empresas, para que sejam o mais objectivas possíveis nas respostas, a par com uma tentativa de diversificação da amostra.

Em Portugal, os inquéritos foram conduzidos em Abril e Maio e contaram com 140 respostas (tinham sido 220 em 2016) uma taxa de participação que está entre as maiores entre os 137 países envolvidos. ■